São Paulo | 29 de outubro de 2015 | ISSN 2358-2138

UMA ANÁLISE SOBRE AS TENDÊNCIAS DOS ESTILOS, DO USO DAS CORES E DOS ESPAÇOS NOS CÔMODOS RESIDENCIAIS ATRAVÉS DA REVISTA CASA COR RIO DE JANEIRO (2001-2013)

Gabriela Lopes Gomes – ESPM-RJ[1]

Sílvia Borges Corrêa – ESPM-RJ[2]

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar parte dos resultados da pesquisa que analisou as tendências dos estilos de decoração, das cores e dos modelos dos móveis utilizados por profissionais da Arquitetura, da Decoração e do Design em espaços residenciais, nos últimos 10 anos, tendo como base a Revista da Casa Cor Rio de Janeiro. Exploratória e descritiva, a pesquisa fez uso prioritariamente de procedimentos qualitativos de análise de conteúdo de mídia, embora um elemento de quantificação dos cômodos apresentados nas revistas tenha sido também incluído na pesquisa. De modo geral, as análises revelaram que, ao longo dos 10 anos, prevaleceu um estilo de decoração eclético, com uso predominante de cores neutras, mas pontuado por algumas cores primárias nos detalhes da decoração.

Palavras-chave: tendência; decoração; estilos; cores; Revista Casa Cor.

Introdução

A pesquisa que deu origem a este artigo teve como objetivo geral analisar as tendências dos estilos de decoração, das cores e dos modelos dos móveis utilizados por profissionais da Arquitetura, da Decoração e do Design em espaços residenciais, nos últimos 10 anos, tendo como base a Revista da Casa Cor Rio de Janeiro. A escolha desta Revista parte do princípio de que a sua função é disseminar certos estilos de vida, a partir da perspectiva dos profissionais das áreas

[1] Estudante do curso de graduação em Design da ESPM-RJ. E-mail: Gabriela.gomes@acad.espm.br
[2] Professor do curso de graduação em Comunicação Social da ESPM-RJ. E-mail: sborges@espm.br

de Arquitetura, Decoração e Design, que têm como meta inspirar, emocionar e demonstrar a sintonia da decoração com o "espírito de uma época".

Neste sentido, entende-se que a Revista Casa Cor é um veículo privilegiado para a apresentação de sugestões em relação à ocupação e à decoração da casa e dos seus cômodos, especialmente no que se refere a tendências de ambientação, cores e objetos.

Em um brevíssimo histórico sobre a palavra *tendência* e seus significados, podemos partir da idade Média, quando a palavra *tendência* tinha significado relacionado ao sentimento de atração por alguém. No período da Revolução Francesa, passou-se a utilizar o termo com um sentido de finidade ou finalidade. Passando pelo século XVIII, o sentido de força ou atração ganhou novamente destaque. Já no século seguinte, adquiriu o sentido de predisposição, ou seja, apontava uma disposição, sem, no entanto, atingi-la, ou seja, a palavra começou a ganhar uma incerteza quanto ao resultado a ser alcançado. Desde o século XIX, a palavra *tendência* vem sendo cada vez mais disseminada e seus significados continuam sofrendo metamorfoses, mas, na maioria das vezes, *tendência* está associada a questões relativas a movimento, mudança, representação do futuro e evolução. Neste sentido, tendências poderiam ser previstas ou antecipadas. A previsão, por sua vez, dá uma ideia do que pode acontecer futuramente, baseando-se em acontecimentos e/ou eventos recentes. Um exemplo de previsão de tendência que guarda relação com a questão central dessa pesquisa – as moradias e as forma de morar e de decorar as residências – é comentado por Caldas (2004). A partir do conceito *cocooning* (do inglês cocoon, casulo), criado por Faith Popcorn[3], a grande tendência que se esperava para a década de 2000 seria que a sociedade passaria a ficar mais dentro de suas casas por conta da violência do mundo externo e, ao mesmo tempo, aproveitando as facilidades que a tecnologia estaria nos proporcionando, no sentido de permitir que as pessoas realizem várias atividades de trabalho e lazer sem sair de suas casas. Nessa perspectiva, os indivíduos de uma mesma residência ficariam mais juntos, compartilhando ideias, pensamentos e, consecutivamente, valorizando ainda mais

[3] Caldas (2004) faz referência ao Relatório Popcorn, livro sobre pesquisa de tendências, lançado na primeira metade dos anos 1990. Sua autora, Faith Porcorn ficou popularmente conhecida como a "Nostradamus do marketing" ou a "guru das tendências".

o lar, o conforto e a liberdade que ele nos proporciona. Parcialmente "concretizada", essa tendência de encasulamento convive, nos anos 2000, com uma contra tendência de valorização de atividades, principalmente de lazer no espaço público (frequência a bares, restaurantes, shows e casas noturnas; viagens; etc.)

Caldas (2004) diferencia dois tipos de tendência, ou de possibilidade de falar em tendência: "tendências de fundo", que são tendências que influenciam a sociedade e o consumo por longos períodos, e "tendências de ciclo curto", que estariam mais relacionadas aos fenômenos da moda.

Levando em consideração as ideias apresentadas acima, a maneira como "tendência" é abordada nesse artigo está relacionada às "tendências de ciclo curto", ou seja, aos fenômenos ligados à moda e às mudanças nos móveis e nas cores presentes nas residências cariocas nos últimos dez anos. A Revista Casa Cor Rio de Janeiro seria, assim, um veículo para a divulgação e a disseminação dessas tendências, propostas por profissionais de Arquitetura, Design e Decoração.

Fundamentação Teórica

Os estudos de cultura material têm mostrado a importância de se analisar casa e seus objetos (móveis, eletrodomésticos, objetos de decoração, etc.), e têm demonstrado como as pesquisas sobre esse tema têm o potencial para por em destaque as relações entre pessoas e seus lares, revelando aspectos importantes sobre as sociedades e as culturas (MILLER, 2013). O autor afirma assim a centralidade da cultura material nos relacionamentos e a centralidade dos relacionamentos na vida moderna, e destaca que as pessoas se expressam através das suas posses e que, por extensão, essas posses "falam" sobre as vidas das pessoas. Assim, ao estudar sobre a materialidade da casa e da sua decoração, estamos revelando aspectos relativos às relações entre as pessoas e os objetos, mas também sobre as relações entre as pessoas.

De acordo com Santos, Pedro e Rial (2012, p. 156),

> entendidos como os arranjos internos das moradias, os interiores domésticos se definem tanto pelo espaço arquitetônico quanto pela disposição dos móveis e demais artefatos, de uso ou decorativos, escolhidos para organizar funcional e simbolicamente a vida cotidiana. Vale ressaltar que tais arranjos, muitas vezes vistos como resultantes de

> decisões de foro individual, ocorrem em diálogo com o conjunto de valores em circulação nas sociedades.

A afirmação acima chama atenção para o aspecto social (conjunto de valores em circulação) das escolhas que as pessoas fazem para seus objetos de casa. Neste sentido, é importante analisar não só as escolhas que os consumidores fazem, mas também analisar aquilo que os profissionais ligados à decoração, ao design e à arquitetura apresentam como propostas de lar.

A importância da casa para a sociedade brasileira é destacada por Da Matta (1986), pois é no espaço da casa que encontramos os vínculos familiares, a moral, a visão social, os laços amorosos, nossa cama, nossos quadros, a nossa valorização como pessoa, que acabam traçando um diferencial muito importante entre a nossa casa e um hotel, por exemplo, onde não podemos implantar nossa identidade e, também, onde somos apenas mais um indivíduo usufruindo daquele espaço. O brasileiro tem enorme preocupação na defesa de sua casa e de seus bens, principalmente no que se refere àqueles indivíduos considerados mais frágeis que compõem essa família.

A cosmologia brasileira é totalmente ligada ao espaço da casa, a qual se expressa como uma rede complexa e cheia de símbolos que fazem parte do nosso estilo de vida. A casa significa, para os brasileiros, o espaço da segurança, do acolhimento, das relações sociais (cujos laços são mais forte). Não se trata somente de um espaço físico onde se pode dormir e ficar abrigado, mas também de um lugar onde se encontra a moral e além da moral, onde se tem a visão social. É na casa que cada um se torna insubstituível e singular assumindo um lugar de destaque nessa teia de relacionamentos marcada por muitas dimensões sociais, como a divisão do sexo e idade. (DA MATTA, 1986).

Através disso, surge a percepção de que as nossas moradias são lugares únicos que proporcionam experiências sociais intensas e, por mais que as casas tenham os mesmos cômodos e objetos iguais às outras, existem diferenças. Conseguimos diferenciar o prédio da casa ou a casa da morada facilmente e até mesmo quando as residências são idênticas existe algum marco exclusivo que mostra a identidade daquele grupo que ali vive: um jardim com flores, a cor das portas e janelas, uma placa ou a caixa do correio. A casa pode ser denominada um

espaço exclusivo, pois, além dos membros da família, pode abrigar seus agregados, que vivem na moradia mais não fazem parte desse núcleo familiar, como, por exemplo, um amigo, um empregado, um aposentado, um vizinho ou os próprios animais domésticos. Todos eles podem estar incluídos nessa definição pelo fato de fazerem parte do mesmo espaço de convívio (DA MATTA, 1986).

Além do aspecto simbólico da casa, destacado por Da Matta (1986), é relevante também considerar os seus aspectos físico e, neste sentido, vale ressaltar que existe uma tendência em relação às dimensões das residências no Brasil[4]: a redução dos tamanhos dos imóveis. Como consequência, é de se imaginar que os móveis e a decoração como um todo também passem por transformações – em geral, os móveis também têm suas dimensões reduzidas e podem ter múltiplas funções, adaptando-se a novos critérios de praticidade, conforto, beleza, funcionalidade e de estilo de vida. Nesse contexto de diminuição das residências e das famílias, a decoração do ambiente começou a ganhar maior importância. No começo do século XX, apesar da grande transição e adaptação global ao novo paradigma de um mundo sem a dicotomia capitalismo-socialismo, os designers europeus da Bauhaus começaram a pensar em fabricar móveis que priorizavam o fator estético e intelectual, mas que seriam produzidos em série pela indústria, sendo assim vendidos a mais baixos preços. O que se viu foi o contrário. Mesmo sendo produzida em série, um bom móvel modernista original (bom no sentido estético, pois não era fabricado para ser confortável) custava o mesmo valor de uma obra de arte, ou seja, não era para todos. Além disso, esses móveis passaram a ter mais o seu valor simbólico (por ter sido fabricado e pensado por um designer da Bauhaus) do que funcional, por esta razão, esses móveis até hoje são de alto custo no mercado moveleiro (TRAMONTANO, 1996).

No Brasil, a partir do final dos anos 1960, quando ocorreu a manifestação dos jovens para expressar seus valores e anseios, a decoração doméstica foi um dos acontecimentos mais marcantes, porque o espaço em que nos sentimos seguros foi totalmente influenciado pelos acontecimentos externos.

Por exemplo, segundo Santos, Pedro e Rial (2012, p. 157):

[4] Essa é uma tendência que vem se consolidando e é particularmente visível entre os imóveis da classe média brasileira.

> no design de produtos, o envolvimento com o exterior privilegiou concepções lúdicas e informais, alinhada à cultura jovem forjada na época. Soluções de grande impacto visual, porém efêmeras e de baixo custo, possibilitavam o consumo contínuo de mercadorias em resposta ao desejo por novidades.

Em relação às cores, existem diversas possibilidades em relação ao seu estudo e diferentes abordagens através das quais é possível analisar o uso e a influência das cores sobre os seres humanos. Pode-se, por exemplo, estudar os aspectos biofísicos da cor ou privilegiar as percepções simbólicas e culturais relacionadas às cores, que, no caso, é a perspectiva que este projeto de pesquisa está seguindo, pois, segundo Guimarães (2009):

> A apreensão, a transmissão e o armazenamento da informação 'cor' (como texto cultural) são regidos por códigos culturais que interferem e sofrem interferência dos outros dois tipos de códigos da comunicação humana (os de linguagem e os biofísicos). (GUIMARÃES, 2009, p. 4)

De acordo com Guimarães (2009), as cores vêm sendo objeto de estudos desde os filósofos gregos, como Platão e Aristóteles, passando pelos tratados de cores surgidos no século XV, como os de Leonardo da Vinci. No século XVIII surge o primeiro estudo interdisciplinar da cor – a Doutrina das cores, de Goethe. O século XIX marca o surgimento de teorias da percepção que modificam a compreensão dos efeitos das cores sobre o ser humano. No século XX, as contribuições para o estudo da cor vêm de diferentes campos, como a Psicologia da percepção, da Filosofia da linguagem, das Artes plásticas e do Design. Para Guimarães (2009), as diversas teorias sobre a cor podem ser encaradas como contribuições que se somam para estudar o "fenômeno cromático", que, por ser um fenômeno amplo, carece de um olhar interdisciplinar e podem levar a refletir os seus significados que variam dependendo do contexto cultural e da situação ou local onde as cores são empregadas.

No que tange à questão dos estilos de decoração, Lee (2012) apresenta quatro classificações e diferenciações de estilo visual para decoração domiciliar:

- Estilo de época: quando a decoração segue o padrão (de móveis, objetos, acabamentos, etc.) de determinado período histórico, como por exemplo, o Renascimento Gótico, com tecidos luxuosos e cerâmicas decorativas.

● Estilo estrangeiro ou exótico: quando existe uma mistura de decorações/estilos que são populares em outros países[5] como, por exemplo, a Índia, que inspira ambientes, móveis e objetos de decoração com suas cores, formatos e, principalemnte, tecidos.

● Estilo eclético: é a combinação de estilos diferentes, há muitas misturas, porém sem exageros. De acordo com o autor, a atual tendência de decoração encaixa-se cada vez mais neste estilo.

● Estilo individual: quando o decorador ou o designer de interior tem o seu próprio estilo, tornando-se reconhecido e popular[6].

Metodologia

Exploratória e descritiva, a pesquisa fez uso prioritariamente de procedimentos qualitativos de análise de conteúdo de mídia, embora um elemento de quantificação dos cômodos apresentados nas revistas tenha sido também incluído na pesquisa.

Os exemplares da Revista Casa Cor Rio de Janeiro foram analisados, quanto às suas estruturas e às imagens presentes, em ordem cronológica, a partir do ano de 2001. Os exemplares de 2001, 2004, 2007, 2010 e 2013 foram analisados individualmente e, posteriormente, conjuntamente, de maneira que foi possível estabelecer comparações entre as edições, revelando as questões de tendências ao longo do período em questão (2001 a 2013).

As análises de cada revista foram feitas separadamente, mas como pesquisa pretendia entender as tendências de estilo e de cores ao longo de determinado período de tempo, estabeleceu-se um modelo de análise que, primeiramente, visava à quantificação dos tipos de ambiente de cada edição selecionada da Revista. Desta forma, foi possível identificar o número de banheiros, cozinhas, quartos, salas, varandas, etc. que estavam presentes em cada número da revista. Essa quantificação dos ambientes presentes na Revista foi

[5] É importante levar em consideração que Vinny Lee é uma autora britânica, portanto, essa ideia de estrangeiro/exótico precisa ser relativizada.

[6] Este estilo não entrou na classificação de análise do presente projeto, pois não houve possibilidade de analisar ou pesquisar o estilo individual de cada arquiteto que participou das edições da Revista Casa Cor Rio de Janeiro.

realizada tão somente com o objetivo de selecionar os tipos de ambientes a serem analisados. Em função do tempo e da complexidade das análises, foi definido que dois tipos de ambientes seriam analisados mais detalhadamente. Foram estabelecidos quatros critérios para a seleção desses ambientes a serem analisados:

Primeiro critério: presença do tipo de ambiente em todas as edições da revista analisadas.

Segundo critério: um tipo de ambiente "público" (ou seja, de uso coletivo) e um tipo de ambiente "privado" (ou seja, de uso individual).

Terceiro critério: ambientes que aparecessem em maior quantidade.

Quarto critério: fotografias que permitissem visualizar o cômodo na sua totalidade, visto que várias fotos mostravam apenas um ângulo, uma parte ou um elemento do cômodo.

Seguindo esses quatro critérios, e tendo como base as Tabelas 1 a 5, chegou-se a escolha de **salas** (ambientes "públicos") e **quartos** (ambientes "privados").

As questões/categorias analisadas em cada ambiente foram as seguintes:

a) Cor: cores predominantes ou em destaque. As cores foram identificadas a partir da categorização proposta por Pedrosa (2003): primárias (vermelho, amarelo e azul); secundárias (verde, laranja e roxo); terciárias (cores que ficam entre uma cor secundária e qualquer das duas primárias que lhe dão origem); neutras (palha, pêssego, marfim, gelo, marine, preto e branco); quentes (ligadas ao vermelho e ao amarelo, e às demais cores em que estas predominam); frias (azul, verde e suas variações de tons).

b) Estilo: estilo de decoração e de móveis predominante. Os estilos foram identificados a partir da tipologia estabelecida por Lee (2012)[7].

Com relação aos (poucos) textos presentes nas revistas[8], foram

[7] Tipologia apresentada na seção Fundamentação Teórica.

[8] É importante esclarecer que a Revista Casa Cor Rio de Janeiro apresenta pouco conteúdo de texto. As fotos dos ambientes ocupam a maior parte das páginas da publicação e não existe descrição textual dos cômodos, apenas indicações (nomes e contatos) dos profissionais responsáveis por cada cômodo.

analisadas as seções que apresentavam as propostas do evento e do tipo de decoração em destaque naquela edição do evento e, consequentemente, na edição da revista. Essas seções variavam de edição para edição. No caso da edição 2001, as seções eram intituladas “Ponto de vista” e “Patrimônio”; na edição 2004, “Ponto de vista”, “Um raro prazer da arte” e “Um olhar sobre a Gávea”; na edição 2007, “Ponto de vista” e “Opinião”; na edição 2010 “Editorial”, “Ponto de vista”, “Laranjeiras: uma mostra de contrastes” e “Tendência”; e, na edição 2013: “Editorial”, “Ponto de vista” e “História”.

A intenção de analisar os textos das revistas foi de:

a) identificar no conteúdo dos textos as propostas de tendências de decoração ou estilo;

b) identificar a proposta geral do evento Casa Cor de cada ano analisado; e

c) perceber se essas propostas estavam refletidas nos ambientes criados pelos profissionais (arquitetos, decoradores e designers de interiores).

Análises e Resultados

A pesquisa revelou que, ao longo dos anos, várias mudanças aconteceram no que diz respeito aos ambientes expostos na Revista Casa Cor Rio de Janeiro 2001, primeira revista considerada nas análises.

Na edição de 2001, os quartos eram efetivamente quartos, não havia suítes ou lofts, e o tema central girava em torno de combinações de estilos clássicos e modernos/tecnológicos. Essa temática de combinação de clássico e moderno foi identificada pelos editores da revista como uma tendência “old is new”. Apesar da combinação clássico-moderno não ter sido abordada e nem ter inspirado todos os cômodos dessa edição da Revista, para os profissionais responsáveis pelos ambientes, não havia como fugir totalmente desse estilo de decoração porque no local onde aconteceu o evento (o Palacete Seabra) já predominava o estilo clássico – em portas, janelas, sancas e outros elementos. Os quartos dessa edição poderiam ser classificados como *clean*, no sentido de que a decoração, apesar de ser bem direcionada para o usuário, contou predominantemente com o branco como base e com a mistura de cores bem fortes

apenas em alguns elementos de decoração. Já a sala analisada foi trabalhada nas cores classificadas como neutras (palha, pêssego, marfim, gelo, marine, preto e branco), variando os tons, misturando assim, o clássico com o moderno. Sua decoração se baseia em um estilo francês, classificado como eclético por Lee (2012).

Em 2004, o evento Casa Cor do Rio de Janeiro aconteceu em uma casa no bairro da Gávea, imóvel cercado por árvores e pássaros, em uma área distante da agitação da cidade. Foi nesta edição da Revista que as suítes começaram a surgir no lugar dos quartos "tradicionais". Além disso, notou-se que o estilo clássico misturado ao moderno, inclusive com elementos de tecnologia, destacado na edição 2001, não era o foco na tendência de decoração residencial em 2004. Em vez disso, passou-se a destacar na decoração dos ambientes uma combinação de arte, educação e cultura, que era a base do projeto de concepção dessa edição do evento. Elementos de música e de arte foram bem explorados em cada ambiente, com a utilização de muitos quadros, alguns com imagens de cantores, de obras de arte e de móbiles.

Na 17ª edição do evento (2007), que também aconteceu no bairro da Gávea, no Jóquei Clube, o tema escolhido foi intitulado "Luxo Contemporâneo", um luxo desvinculado de status, riqueza e ostentação, cujas premissas básicas do morar são conforto, privacidade, preocupação com materiais e técnicas de sustentabilidade. Os cômodos analisados apresentavam móveis simples e discretos, tanto ao seu estilo quanto às cores, mesclados com paredes modernas, artísticas e vibrantes. Na revista de 2007, a quantidade e os tipos de salas foram aumentando e que os quartos passaram a receber nomes distintos, como, por exemplo, hobby e apartamento. Em relação às cores, notou-se a permanência na utilização de cores neutras (como em anos anteriores), porém, cores primárias mais "chamativas", como vermelho e azul, passaram a aparecer com mais frequência nos móveis mais modernos e nos ambientes mais *clean*.

Com relação ao predomínio dos ambientes públicos ou privados, se na edição de 2001 as quantidades de ambientes privados e de ambientes públicos eram equilibradas, a partir de 2004 passaram a predominar os ambientes públicos. Em 2007, percebeu-se que o ambiente público dobrou, enquanto o privado

praticamente não teve nenhuma modificação quantitativa. Além disso, nesse mesmo ano, diferentes ambientes entraram na lista, tendo um crescimento de quase 50% no número total de cômodos decorados, como, por exemplo: Minigolfe, Joalheria, Refúgio e Observatório.

Na edição de 2010, a revista mudou toda a sua parte de editorial, mas não houve mudança na escolha do tipo de espaço para a realização do evento, um palacete no bairro das Laranjeiras. Na 20ª edição do Casa Cor, que aconteceu no Palacete Modesto Leal, o tema abordado levou em consideração a mistura de originalidade, sofisticação e leveza, considerando também o estilo de vida que a cidade do Rio de Janeiro proporciona – o "estilo" ou "jeito" carioca de ser. Em relação às análises dos cômodos, verificou-se que os quartos que traziam mais funções (além do dormir) tiveram destaque – quartos com banheiros (suítes) e quartos com saleta e banheiro, chamados de "apartamentos". Quanto às salas, verificou-se que a quantidade desses cômodos caiu para a metade, em relação ao ano anterior, e a sua funcionalidade era tanto relacionada a temas mais "clássicos", como sala de jantar e sala de almoço, quanto temas novos, como sala do viajante. As cores utilizadas eram predominantemente claras e a madeira também estava presente nos ambientes, trazendo, assim, a harmonia resultante da mistura de originalidade, sofisticação e leveza, que era a proposta daquela edição.

A edição de 2013, cujo evento foi realizado em um local totalmente distinto das edições anteriores, refletiu o novo espaço residencial na Barra da Tijuca, Zona Oesta do Rio de Janeiro, cuja proposta é unir natureza (preservação do meio ambiente natural) e bem estar das pessoas. A presença de suítes e livings foi marcante na revista de 2013. Além disso, naquele momento, os cariocas estavam investindo mais em imóveis e em produtos e serviços culturais e, neste sentido, a ideia de "lifestyle" (estilo de vida) foi incorporada às propostas de ambientes residenciais, marcando ainda mais a individualidade dos ambientes e dos seus habitantes, como fica claro nos títulos dos cômodos, por exemplo, "Apartamento do Jovem Empresário – Suíte do Hóspede" e "Apartamento do Jovem Casal – Living". Em termos de uso de cores, houve grande variação, mas com predomínio de cômodos com cores neutras, tanto em tons mais claros e mais escuros.

Considerações Finais

De modo geral, a análise das Revistas do Casa Cor Rio de Janeiro, de 2001 a 2013, revela que, ao longo desses anos, as propostas dos profissionais das áreas de Arquitetura, Decoração e Design se mantiveram em relação à tendência de um estilo de decoração eclético, de acordo com a tipologia de Lee (2012), isto é, a combinação de estilos diferentes, com muitas misturas, porém sem exageros. Como apontado pela autora, a atual tendência de decoração encaixa-se cada vez mais neste estilo. Em relação às cores, nos cômodos presentes nos eventos e exibidos por fotografias nas revistas, a tendência para os ambientes ao longo dos anos estudados foi a de utilização predominante de cores neutras, como, palha, pêssego, marfim, gelo, marine, preto e branco. Em meio à predominância de cores neutras, cores primárias – notadamente vermelho, amarelo e azul – foram usadas em alguns móveis ou objetos de decoração pontuais. O marrom, especialmente pelo uso de madeira, também mereceu destaque em alguns cômodos. Os móveis acompanharam o estilo eclético da decoração, com mistura de móveis mais clássicos (ou mesmo alguns considerados de época) e mais contemporâneos. Essas tendências de estilos, cores e móveis foram utilizadas em consonância com a proposta específica de cada edição estudada, fosse ela “old is new”, “luxo contemporâneo” ou a combinação de meio ambiente e bem estar.

Referências

CALDAS, Dario. **Observatório de sinais**: teoria e prática da pesquisa de tendências. QRio de Janeiro: Editora SENAC Rio, 2004.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação**: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores, São Paulo: Annablume, 2009.

LEE, Vinny. **10 princípios do bom Design de Interiores**. São Paulo: Editora Queen Books, 2012.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente.** Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda., 9ª Edição, 2003.

SANTOS, Marinês; PEDRO, Joana; RIAL, Carmen. A configuração de espaços "jovens" no Brasil durante o final dos anos 1960: a domesticidade pop pela ótica da revista Casa & Jardim. In: RIAL, Carmen; SILVA, Sandra; SOUZA, Angela. **Consumo e cultura material:** perspectivas etnográficas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.

TRAMONTANO, Marcelo. **Habitação contemporânea: Riscos preliminares.** São Carlos: EESC-USP, 1996.